

Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados

Use of psychotropic drugs among students: prevalence and associated social factors

Meire Soldera^a, Paulo Dalgalarrodo^a, Heleno Rodrigues Corrêa Filho^b e Cleide A M Silva^c

^aDepartamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM/Unicamp). Campinas, SP, Brasil. ^bDepartamento de Medicina Preventiva e Social da FCM/Unicamp. Campinas, SP, Brasil. ^cComissão de Pesquisa da FCM/Unicamp. Campinas, SP, Brasil

Descritores

Transtornos relacionados ao uso de substâncias. Alcoolismo. Estudantes. Adolescente. Prevalência. Fatores socioeconômicos. Estudos transversais.

Resumo

Objetivo

Determinar a prevalência do uso pesado de drogas por estudantes de primeiro e segundo graus em uma amostra de escolas públicas e particulares, e identificar fatores demográficos, psicológicos e socioculturais associados.

Métodos

Trata-se de um estudo transversal com uma técnica de amostragem do tipo intencional comparando-se escolas públicas de áreas periféricas e centrais e escolas particulares. Foi utilizado um questionário anônimo de autopreenchimento. A amostra foi constituída por 2.287 estudantes de primeiro e segundo graus da cidade de Campinas, SP, no ano de 1998. Considerou-se uso pesado, o uso de drogas em 20 dias ou mais nos 30 dias que antecederam a pesquisa. Para análise estatística, utilizou-se a análise de regressão logística politômica – modelo logito, visando identificar fatores que influenciem este modo de usar drogas.

Resultados

O uso pesado de drogas lícitas e ilícitas foi de: álcool (11,9%), tabaco (11,7%), maconha (4,4%), solventes (1,8%), cocaína (1,4%), medicamentos (1,1%), ecstasy (0,7%). O uso pesado foi maior entre os estudantes da escola pública central, do período noturno, que trabalhavam, pertencentes aos níveis socioeconômicos A e B, e cuja educação religiosa na infância foi pouco intensa.

Conclusões

Maior disponibilidade de dinheiro e padrões específicos de socialização foram identificados como fatores associados ao uso pesado de drogas em estudantes.

Keywords

Substance-related disorders.
Alcoholism. Students. Adolescent.
Prevalence. Socioeconomic factors.
Cross-sectional studies.

Abstract

Objective

To determine the prevalence of the heavy use of drugs among elementary and high school students in a sample of public and private schools, and to identify associated demographic, psychological, cultural and social factors.

Methods

This report describes a cross-sectional study using an intention-type sampling technique that compared public schools in central and peripheral areas and private schools. An anonymous self-administered questionnaire was applied. The sample consisted of 2,287 elementary and high school students in the city of Campinas in

Correspondência para/ Correspondence to:
Meire Soldera
Rua Pascoal Nette, 32 Parque Taquaral
13087-380 Campinas, SP, Brasil
E-mail: meire@lexxa.com.br

Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp - Processo n. 00/02082-4). Trabalho desenvolvido no Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.
Artigo baseado em tese de doutorado apresentada à Universidade Estadual de Campinas, 2001.
Recebido em 6/11/2002. Reapresentado em 19/8/2003. Aprovado em 19/9/2003.

1998. Heavy use of drugs was defined as the use of drugs on 20 or more days during the 30 days preceding the survey (WHO, 1981). For the statistical analysis, polytomous logistic regression analysis (logit model) was utilized to identify factors that influenced this manner of using drugs.

Results

Heavy use of legal and illegal drugs was found as follows: alcohol (11.9%), tobacco (11.7%), marijuana (4.4%), solvents (1.8%), cocaine (1.4%), medications (1.1%) and ecstasy (0.7%). The heavy use of drugs was greatest among students at the city-center public school who had daytime jobs and studied in the evenings. These students were in the A and B socioeconomic classes and had had little religious education during childhood.

Conclusions

Greater availability of cash and specific socialization patterns were identified as factors associated with the heavy use of drugs among students.

INTRODUÇÃO

As primeiras experiências com drogas ocorrem frequentemente na adolescência. Nessa fase, o indivíduo é particularmente vulnerável do ponto de vista psicológico e social. Assim, é de particular importância estudar essa população de forma minuciosa, principalmente no que se refere ao uso freqüente e pesado de drogas lícitas e ilícitas, e identificar fatores psicológicos e socioculturais associados a tal uso.¹⁰

A pedido do Ministério da Saúde, um grupo de pesquisadores realizou quatro extensos levantamentos sobre o uso de drogas, abrangendo 10 capitais brasileiras, nos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997.⁴ A comparação desses quatro levantamentos mostrou que as drogas mais utilizadas foram álcool, tabaco e solventes. Revelou ainda que o uso pesado de maconha aumentou nas 10 capitais pesquisadas, bem como o uso de álcool em oito delas.

Vários estudos nacionais e internacionais têm analisado a associação de fatores psicológicos e socioculturais ao uso de drogas por estudantes. Eles identificam, por exemplo, que variáveis como gênero masculino,³ idade,^{10,16} trabalho,¹⁷ desestruturação familiar⁹ e ausência de religião⁸ estão associados a maior uso de drogas por estudantes, em diversos contextos socioculturais.

Em vista disso, o conhecimento preciso de fatores associados ao uso de drogas em jovens no País é de grande relevância, pois permitiria intervenções sobre comportamentos e fatores de risco com vistas a inibir o possível progresso de um uso pesado de drogas lícitas e ilícitas, vício progressivamente deletério para o jovem.

Geralmente, os estudos sobre o uso de drogas por

estudantes realizados no Brasil têm sido conduzidos quase que exclusivamente nas capitais. A presente pesquisa compara também diferentes tipos de escolas: centrais, periféricas e particulares. É bastante plausível que a realidade do uso de drogas em diferentes áreas da cidade varie, revelando desigualdades epidemiológicas no meio urbano.

Assim, é de se pressupor que nas regiões periféricas das grandes cidades brasileiras, onde a mortalidade por causas violentas e o tráfico de drogas são mais intensos, haveria também um consumo igualmente mais intenso. O presente trabalho tem por objetivo determinar a prevalência do uso pesado de drogas por estudantes de primeiro e segundo graus em escolas públicas centrais e periféricas e particulares e os fatores sociodemográficos, culturais e psicopatológicos associados a esse uso.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal com uma técnica de amostragem do tipo intencional, na qual se privilegiou o estudo de três grupos distintos de escolas: públicas centrais, públicas periféricas e particulares. Objetivou-se com isso identificar padrões diferenciais de uso de álcool e drogas em distintas áreas da cidade. As linhas metodológicas gerais desenvolvidas seguem, com as adaptações necessárias em função dos objetivos e dimensão do trabalho e o método proposto pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID).²

Foi utilizado um questionário anônimo de auto-preenchimento, baseado no questionário do CEBRID. Conforme procedimento padronizado e recomendado pelo CEBRID, a aplicação foi coletiva, em sala de aula, sem a presença do professor. Foi feita uma explicação clara e detalhada aos alunos sobre os objetivos da pes-

Tabela 1 - Características sociodemográficas estudantes de primeiro e segundo graus. Campinas, SP. (N=2.287)

Variável	N	%
Gênero		
Masculino	1.188	52,0
Feminino	1.096	48,0
Idade		
Média	16	
Mínima	11	
Máxima	26	
Tipo de escola		
Pública periférica	763	33,6
Pública central	781	34,1
Particular	738	32,3
Grau		
Primeiro	1.159	50,8
Segundo	1.122	49,2
Período		
Matutino	686	30,1
Vespertino	772	33,8
Noturno	803	35,1
Integral	21	0,9
Trabalho		
Trabalhavam	758	33,3
Não trabalhavam	1.518	66,7
Nível socioeconômico		
A e B	1564	68,4
C	565	24,7
D e E	158	6,9
Filiação religiosa		
Tinham religião	1.921	84,6
Não tinham religião	351	15,4
Religião		
Católicos	1.387	75,1
Protestantes pentecostais	294	15,9
Espíritas	103	5,6
Protestantes históricos	33	1,8
Outras religiões	29	1,6
Educação religiosa na infância		
Muito religiosa	640	28,3
Religiosa	950	42,0
Pouco religiosa	529	23,4
Sem religião	142	6,3

quisa, garantindo-se enfaticamente o caráter anônimo e sigiloso do questionário. Dúvidas sobre as questões foram respondidas e após cerca de 50 minutos os questionários foram recolhidos. A partir do estudo piloto, calculou-se o tamanho da amostra no Epi Info. Esse cálculo amostral foi feito estimando-se 5% do erro tipo I (alfa) com população finita estimada em 100.000 alunos para a cidade no grau sob estudo sem reposição; prevalência de usuários de 1%; erros de desenho de no máximo 1% com precisão delta de 1%.

Uma vez que se teve como objetivo comparar diferença substancial de comportamento entre escolas públicas e particulares considerando-se as localizações periférica e central para cada nível de escolaridade, tornou-se necessária uma amostra mínima de 367 estudantes do primeiro e do segundo graus, em cada um dos três estratos pretendidos. Foram compostos então seis estratos de 400 alunos totalizando 2.400 estudantes, distribuídos entre as sexta e oitava séries do primeiro grau e primeira e terceira séries do segundo grau.

A partir das listagens de escolas fornecida pelas delegacias de ensino, foi feita a escolha intencional

das participantes. Foram selecionadas duas escolas públicas centrais, duas públicas periféricas e três particulares que possuíam primeiro e segundo graus. Das listagens de alunos e turmas de 35 alunos foram sorteadas seis classes de cada grau por escola. Todos os estudantes presentes eram convidados a preencher os questionários; durante o inquérito, não foi registrada irregularidade na frequência dos alunos às salas visitadas. Foram incluídos todos os respondentes e excluídos 86 indivíduos maiores de 26 anos de idade, limite etário máximo do estudo.

Foram aplicados 2.375 questionários. Não houve nenhuma recusa em respondê-lo. Dois questionários foram desprezados por preenchimento incompleto ou não compreensão das perguntas.

Portanto, a amostra foi constituída por 2.287 estudantes de primeiro e segundo graus de escolas públicas centrais e periféricas e escolas particulares da cidade de Campinas, SP, no ano de 1998. As estimativas oficiais do total de estudantes matriculados na cidade para a época apontavam para cerca de 56 mil estudantes matriculados de sexta a oitava séries do primeiro e segundo graus e 52 mil matriculados no segundo grau. Assim, a amostra estudada contém aproximadamente 2% do total de estudantes.

Considerou-se uso pesado, de acordo com a Organização Mundial de Saúde¹⁸ (1981), o uso de drogas em 20 dias ou mais nos 30 dias que antecederam a pesquisa.

Para identificar os fatores que influenciam o uso de drogas, utilizou-se a análise de regressão logística – modelo logito.

As drogas estudadas foram: álcool, tabaco, solventes, medicamentos psicotrópicos não-prescritos, maconha, cocaína e ecstasy. As variáveis regressoras foram: tipo de escola (pública periférica, pública central e particular); grau escolar; período que estudava; gênero; nível socioeconômico; trabalho; tipo de lazer preferencial; situação matrimonial dos pais; com quem mora; por quem foi criado nos últimos dois anos; sentir-se apoiado e compreendido pelos pais; sentir-se apoiado e compreendido pelos amigos(as) e/ou namorado(a); ter uma religião; filiação religiosa; educação religiosa na infância, e o GHQ12 (*General health questionnaire 12*) que avalia sintomas psiquiátricos menores, como ansiedade, depressão e insônia – validado no Brasil por Mari & Willians,⁷ 1985.

Como o uso de várias drogas (*poliuso*) é sabidamente freqüente e visando comparar estudantes que não usaram nenhuma droga no mês e os que fizeram

uso pesado, criou-se para o presente estudo uma variável denominada DROGA, que assume o valor 0 se o estudante *não fez uso no último mês de nenhuma das drogas citadas no estudo*, e 1, se *fez uso de pelo menos uma droga em 20 dias ou mais do último mês (uso pesado de pelo menos uma das drogas citadas no estudo)*. O uso pesado de drogas lícitas e ilícitas é, de modo geral, a forma de uso que antecede a dependência química e todas suas conseqüências médicas, psicológicas e sociofamiliares.¹³

RESULTADOS

Prevalência

O uso pesado de drogas ocorreu da seguinte forma: álcool (11,9%; N=269), tabaco (11,7%; N=265), maconha (4,4%; N=101), solventes (1,8%; N=40), cocaína (1,4%; N=32), medicamentos psicotrópicos (1,1%; N=24), ecstasy (0,7%; N=17).

Análise multivariada

As estimativas de regressão logística multivariada para uso pesado de droga são apresentadas na Tabela 2.

A probabilidade do uso pesado de drogas foi maior nos estudantes da escola pública central, que trabalhavam, do período noturno, do nível socioeconômico A e B e cuja educação religiosa na infância foi pouco intensa.

A probabilidade do estudante da escola pública central fazer uso pesado de drogas foi 4,0 vezes maior que aquela da escola periférica; do que trabalhava 2,5 vezes maior que daquele que não trabalhava; do período noturno 2,2 vezes maior que daquele do período matutino; dos níveis socioeconômicos A e B 2,0 vezes maior que daqueles dos níveis D e E; que teve educação pouco religiosa na infância 1,7 vezes maior que a daquele que teve educação muito religiosa; que se sentia pouco apoiado e compreendido pela família 1,2

vezes maior que a daquele que se sentia muito apoiado e compreendido pela família. Cada ponto a mais no GHQ-12 aumentou em 1,2 vezes a chance do estudante fazer uso pesado de drogas.

DISCUSSÃO

Vários autores relatam que para pesquisas que têm por finalidade identificar a prevalência do uso de drogas por estudantes, o método mais comumente utilizado é o questionário de autopreenchimento aplicado coletivamente em sala de aula.¹¹ Essa opção justifica-se por ser relativamente barata e bem aceita pelos sujeitos pesquisados, uma vez que os índices de recusa se situam abaixo de 1%. É considerado um bom procedimento para se obter informações sobre comportamentos privados, pois o anonimato é explicitamente garantido.¹²

Entretanto, deve-se salientar que o tipo de questionário utilizado no presente trabalho mede o relato do consumo de drogas e não o consumo em si; portanto, deve-se ter cautela na interpretação dos dados.²

Outra limitação desse desenho de pesquisa é que, por ser uma pesquisa feita em sala de aula, os jovens com envolvimento mais grave com drogas podem já ter sido excluídos do sistema escolar ou faltarem com muita frequência, não sendo captados pelo estudo. Trabalhos desenhados especificamente para avaliar a sub-população que abandonou ou é expulsa das escolas de primeiro e segundo graus devem verificar essa hipótese.

A amostra não é representativa das escolas públicas e particulares de Campinas, o que impede a extrapolação dos dados.

As diferentes drogas utilizadas

Isoladamente, a droga mais utilizada de forma pesada no presente estudo foi o álcool (11,9%), seguido de perto pelo tabaco (11,7%). As altas prevalên-

Tabela 2 - Estimativas da regressão logística multivariada para uso pesado de DROGA (modelo final).

Variável	Estimativa	Erro-padrão	p-valor	Odds ratio	IC (95%)
Intercepto	-1,9246	0,3722	0,0001	-	-
Tipo de escola (particular)	-0,0822	0,1858	0,6580	0,921	0,640 ; 1,326
Tipo de escola (periférica)	-1,3748	0,1734	0,0001	0,253	0,180 ; 0,355
Nível socioeconômico (C)	0,0654	0,3246	0,8404	1,068	0,565 ; 2,017
Nível socioeconômico (A+B)	0,7366	0,3078	0,0167	2,089	1,143 ; 3,818
Período de estudo (tarde)	0,2325	0,2069	0,2610	1,262	0,841 ; 1,893
Período de estudo (noite)	0,7930	0,2238	0,0004	2,210	1,425 ; 3,427
Trabalho - sim (não trabalhava)	0,9291	0,1675	0,0001	2,532	1,824 ; 3,516
Educação na infância (religiosa)	0,0650	0,1599	0,6843	1,067	0,780 ; 1,460
Educação na infância (pouco religiosa)	0,5168	0,1813	0,0044	1,677	1,175 ; 2,392
Educação na infância (sem religião)	0,3374	0,2707	0,2127	1,401	0,824 ; 2,382
Apoio e compreensão familiar (sentia-se parcialmente)	0,2910	0,1512	0,0543	1,338	0,995 ; 1,799
Apoio e compreensão familiar (sentia-se pouco)	0,9786	0,2277	0,0001	2,661	1,703 ; 4,157
GHQ12	0,1407	0,0450	0,0018	1,151	1,054 ; 1,257

GHQ12 (General Health Questionnaire 12)

cias encontradas, em torno de 12%, indicam que tal uso é relevante e preocupante e deve ser tomado em conta em relação a possíveis ações educativas, preventivas e terapêuticas para jovens estudantes.

A droga ilícita mais utilizada no presente estudo foi a maconha (4,4% fizeram uso pesado de maconha). Swadi¹⁶ (1988), em Londres, assim como Stevens et al¹⁵ (1995), em Hampshire (EUA), também detectaram que a droga ilícita mais utilizada nesses contextos foi a *maconha*. No levantamento de 1997, realizado pelo CEBRID em dez capitais brasileiras, a *maconha* ultrapassou os *solventes* como a droga de maior uso na vida apenas na cidade de Porto Alegre. Nas demais capitais, aparece na segunda ou terceira posição (depois de solventes e ansiolíticos). A comparação entre os quatro levantamentos do CEBRID mostrou que o uso frequente e pesado da *maconha* tiveram crescimento estatisticamente significativo.⁴ A *maconha* é considerada, por muitos jovens (e às vezes por seus familiares), uma droga leve, e talvez por isso mais aceitável. Há evidências, entretanto, que o uso pesado da droga tem implicações sérias para a saúde física e mental de seus usuários.¹⁴

Os *solventes* aparecem logo após a *maconha*. É importante lembrar que são drogas com grande potencial lesivo à saúde devido principalmente à sua neurotoxicidade.⁴

Diferentemente da pesquisa de Muza¹⁰ (1997), a *cocaína* aparece, no presente estudo à frente dos *medicamentos psicotrópicos*, ocupando o terceiro lugar entre as drogas ilícitas. Dados dos quatro levantamentos realizados pelo CEBRID mostram que o uso frequente da *cocaína* teve aumento nas capitais pesquisadas. Indicadores estatísticos, como internações hospitalares e apreensões de cocaína feitas pela Polícia Federal, também mostram o crescimento do uso dessa droga.⁴ É particularmente preocupante o uso crescente da cocaína em forma de crack, pois tal uso implicaria no rápido desenvolvimento de dependência,^{5,6} envolvimento com atividades criminosas⁶ e desencadeamento de quadros psiquiátricos graves.⁵

O *ecstasy* foi a droga menos usada, talvez por ser cara e não muito difundida ainda na cidade estudada, além de estritamente vinculada a uma subcultura específica (*dance*) e seus rituais, como as festas *raves*.¹

Variáveis socioculturais associadas ao uso pesado de drogas

Atualmente, a maior parte dos pesquisadores considera que o uso de drogas por estudantes não é causado por um único fator, mas por uma combinação de

vários deles, tais como os genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais. Assim, entende-se que o uso e a dependência de drogas são fenômenos bastante complexos que não podem ser reduzidos a uma faceta da dimensão biológica, psicológica ou social.

No presente estudo, pela análise multivariada dos dados, constatou-se que, contrariamente ao esperado, o uso de drogas foi menor nos estudantes das *escolas públicas periféricas*. São áreas da cidade onde o tráfico seria maior, o que se supõe pela maior mortalidade por causas violentas e por apreensões de drogas realizadas pela polícia. Apesar de haver supostamente um tráfico significativamente maior nestes bairros, o consumo de drogas pelos estudantes que frequentam as escolas da periferia é significativamente baixo em relação ao dos bairros centrais.

Nesse sentido, é plausível que a disponibilidade financeira possa exercer uma influência significativa, pois, no presente estudo, encontrou-se que o uso pesado de drogas, além de associar-se ao trabalho, esteve associado a pertencer aos níveis socioeconômicos A e B. Assim, os estudantes de escolas públicas periféricas, apesar de viverem em áreas da cidade onde o tráfico é supostamente mais intenso, têm menor poder aquisitivo para a compra dessas drogas. Outra possibilidade é que jovens desses bairros envolvidos com o uso pesado de drogas acabem com certa frequência “expelidos” do sistema escolar e talvez se envolvam com o “pequeno” tráfico de drogas (“aviões”), inclusive para viabilizar o consumo próprio.

Os dados da presente pesquisa também corroboram outros estudos que mostram a relação entre maior uso de drogas e estudantes que *trabalham*.¹⁶ Os resultados alcançados e os encontrados na literatura, referentes ao *trabalho*, promovem a reflexão sobre crenças relativamente bem estabelecidas na sociedade brasileira, como a de que o tempo livre seria um fator propiciador para o uso de drogas. Tal concepção implicaria na identificação de um suposto estudante pobre, que passaria maior parte de seu tempo livre na rua, sendo assim um sujeito vulnerável ao uso de drogas. Por essa razão, a reflexão referente ao trabalho do adolescente deve-se deslocar do *fazer versus não fazer* para a *do como fazer*, ou seja, deve-se analisar a qualidade do impacto de diferentes formas de trabalho sobre o jovem.

É possível hipotetizar que a associação entre o uso pesado de drogas e trabalho encontrada no estudo pode se dar por, pelo menos, três fatores: o estresse conseqüente por ter que assumir precocemente uma função adulta e repleta de obrigações, a disponibili-

dade financeira decorrente de receber um salário, assim como padrões de socialização associados ao “mundo do trabalho” (por exemplo, “beber” no final do expediente).

A *dimensão religiosa* também se revelou, no presente estudo, importante. Estudantes com uma educação religiosa na infância mais intensa tiveram significativamente na análise multivariável menor uso pesado de drogas. De uma maneira geral, a literatura mostra que jovens ligados de alguma forma à religião fazem menos uso de drogas.^{8,11}

Tal associação pode estar relacionada aos códigos morais implícitos nas religiões que frequentemente condenam o uso de drogas. Ao seguir uma religião, adere-se a um conjunto de valores e de comportamentos, entre os quais se inclui a proibição do uso de drogas.

A questão da estrutura familiar é tradicionalmente enfatizada quando se estuda o uso de drogas em adolescentes. No presente estudo, foi identificada a importância do ambiente e estrutura familiares como possível fator protetivo para o uso de drogas. Foi encontrado menor uso pesado em estudantes que *se sentiam (de certa forma) apoiados e compreendidos pela família*.

Vários autores identificaram um uso de drogas em níveis de risco para jovens pertencentes a famílias com pais separados ou famílias com relacionamentos muito deteriorados.⁸ Dessa forma, o presente estudo

corroborar pesquisas anteriores que identificam associação entre o uso de drogas em níveis de risco e pior ambiente familiar.

Finalmente, constatou-se que o aumento da pontuação no GHQ-12 associou-se ao risco de uso pesado de drogas. O dado é relevante, pois mostra a relação entre o uso pesado de drogas e sofrimento psíquico. Esses jovens encontram-se provavelmente numa situação séria de risco psicossocial, pois o *cluster* – sofrimento psíquico, pior ambiente familiar e uso pesado de drogas – deve facilitar uma evolução para dependência química, desorganização da personalidade e mesmo quadros psiquiátricos mais graves.

Em conclusão, o presente estudo identificou que o uso pesado de drogas esteve relacionado com fatores sociodemográficos, culturais e psicopatológicos, que podem ser agrupados em “protetores” e “facilitadores”. Como fator protetor foi identificada a educação marcadamente religiosa na infância, o que talvez indique um meio familiar mais controlador ou estruturado. Como fatores facilitadores do uso pesado de drogas lícitas e ilícitas, foram identificados a maior disponibilidade financeira (nível socioeconômico e trabalho), padrões de socialização “*adulto mórficos*” (trabalho e ensino noturno) e um possível pior ambiente familiar (sentir-se menos apoiado e compreendido pela família). Os achados empíricos relatados colaboram para uma melhor compreensão do uso pesado de drogas por jovens no meio sociocultural do País, e devem ser levados em conta em pesquisas e intervenções educativas e preventivas no futuro.

REFERÊNCIAS

1. Baptista MC, Noto AR, Nappo S, Carlini EA. O uso de éxtase (mdma) na cidade de São Paulo e imediações: um estudo etnográfico. *J Bras Psiquiatria* 2002;51:81-9.
2. Carlini-Cotrim B, Barbosa MTS. Pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes: um manual de orientações gerais. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas/ Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina; 1993.
3. Donato F, Monarca S, Chiesa R, Ferretti D, Modolo MA. Padrões e covariáveis de uso de álcool entre estudantes secundaristas em 10 cidades da Itália: um estudo seccional cruzado. *Drug Alcohol Depend* 1995;37:59-69.
4. Galduróz JCF, Noto AR, Carlini EA. Tendências do uso de drogas no Brasil: síntese dos resultados obtidos sobre o uso de drogas entre estudantes do 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras (1987, 1989, 1993, 1997). São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas/ Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina; 1997.
5. Laranjeira R, Surjan J. Conceitos básicos e diagnóstico. *J Bras Dep Quím* 2001;2 Supl 1:2-6.
6. Leite MC. Abuso e dependência de cocaína: conceitos. In: Leite MC, Andrade AG. Cocaína e crack: dos fundamentos ao tratamento. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; 1999. p. 25-41.

7. Mari JJ, Williams P. A comparison of the validity of two psychiatric screening questionnaires (GHQ-12 and SRQ-20) in Brazil, using relative operating characteristic (ROC) analysis. *Psychol Med* 1985;15:651-9.
8. Miller PM, Plant M. Drinking, smoking, and illicit drug use among 15 and 16 year olds in the united kingdom. *BMJ* 1996;313:394-7.
9. Miller P. Family structure, personality, drinking, smoking and illicit drug use: a study of uk teenagers. *Drug Alcohol Depend* 1997;45(1-2):121-9.
10. Muza GM, Betiol H, Mucillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). I - Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. *Rev Saúde Pública* 1997;31:21-9.
11. Muza GM, Betiol H, Mucillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II - Distribuição do consumo por classes sociais. *Rev Saúde Pública* 1997;31:163-77.
12. Smart RG, Hugs PH, Jonhston ID, Anumonye A, Khant V, Medina-Mora ME et al. A methodology for students drug use surveys. Geneva: World Health Organization; 1980. (WHO - Offset Publication, 50).
13. Soldera M, Dalgalarrodo P, Corrêa Filho HR, Silva CAM. Uso pesado de álcool por estudantes de 1 e 2 graus em escolas centrais e periféricas de Campinas, São Paulo: prevalência e fatores associados. *Rev Bras Psiquiatr* 2004;26(3). [no prelo]
14. Solowiji N, Stephens RS, Roffman RA, Babor T, Kadden R, Miller M et al. Cognitive functioning of long-term heavy cannabis users seeking treatment. *JAMA* 2002;287:1123-31.
15. Stevens M, Youells F, Whaley F, Linsey S. Drug use prevalence in a rural school-age population: the New Hampshire survey. *Am J Prev Med* 1995;11:105-13.
16. Swadi H. Drug and substance use among 3.333 London adolescents. *Br J Addict* 1988;83:935-42.
17. Valois RF, Dunham ACA, Jackson KL, Waller J. Association between employment and substance abuse behaviors among public high school adolescents. *J Adolescent Health* 1999;25:256-63.
18. World Health Organization. Nomenclature and classification of drug and alcohol-related problems: a WHO memorandum. *Bull World Health Org* 1981;59:225-45.